

## **O PROJETO BORDADOS DA CAATINGA DA FUNDAÇÃO RURALISTA DE PADRE LIRA: UM EDUCADOR QUE DEU VIDA A UM POVO**

Cristovaldo de Oliveira Sousa (1); Cirleide Ribeiro dos Santos (1); Hellen Cristina de Oliveira Alves (2); Kleber de Oliveira Macedo (3); Deborah Gonçalves Silva (4)

*(Unidade Escolar Municipal de Dom Inocêncio, e-mail: [crisovaldosousa@hotmail.com](mailto:crisovaldosousa@hotmail.com); Creche Brincando se Aprende, e-mail: [cir.lei.di.nha@hotmail.com](mailto:cir.lei.di.nha@hotmail.com); Instituto Federal do Piauí, e-mail: [hellencrisss@gmail.com](mailto:hellencrisss@gmail.com); Unidade Escolar Letícia Macedo; e-mail: [kleber.macedo02@hotmail.com](mailto:kleber.macedo02@hotmail.com); Universidade Federal do Pará-UFPA, e-mail: [gmdeborah@gmail.com](mailto:gmdeborah@gmail.com))*

**RESUMO:** A presente pesquisa primou a preservação da memória cultural de um povo procurando manter viva a sua identidade. O objetivo desta pesquisa foi buscar relatos da importância do Bordado Ponto Cruz implantado há décadas nas escolas da Fundação Ruralista no antigo povoado Curral Novo do município de São Raimundo Nonato e mais tarde emancipado ao novo município de Dom Inocêncio que deu segmento com o projeto “Bordados da Caatinga” do município de Dom Inocêncio e a sua contribuição para a consolidação da cultura local. Para tanto, a pesquisa foi realizada com levantamento bibliográfico e realização de entrevistas com ex-alunas e bordadeiras do projeto. A atividade de bordadeira está presente na comunidade inocentina desde 1965, a partir da chegada do sacerdote e educador Manuel Lira Parente (Pe. Lira) no povoado Curral Novo, distrito do município de São Raimundo Nonato-PI. Hoje nas escolas o projeto não existe mais, no entanto, algumas mulheres desenvolvem o trabalho em sua própria residência para ajudar no orçamento familiar com dinheiro do ofício do bordado. O trabalho das bordadeiras está dentro do segmento artesanato, e o artesanato inocentino, em especial, o bordado de ponto cruz, ganhou destaque no cenário nacional e internacional. Ele se destacou não só aqui no Nordeste, mas também em vários estados brasileiros, principalmente com participações em várias exposições em Feiras Artesanais no estado de São Paulo. Foi objetivo também desta pesquisa mostrar como surgiu o bordado ponto cruz no nosso município, quem foi o seu idealizador, a sua contribuição na educação e quais as dificuldades que este encontrou na sua implantação e os seus avanços na sua trajetória.

Palavras-chave: Bordado de Ponto Cruz, Pe. Lira, Cultura, Bordadeiras.

### **INTRODUÇÃO**

Sabe-se que o homem na busca de melhores condições de sobrevivência, desde tempos mais remotos, enquanto imbuído de necessidade agregou-se a criatividade para inventar instrumentos e foi possível descobrir alternativas que aumentaram a eficácia da ação produtiva. Como resultado teve a descoberta do tão precioso artesanato, embora desconhecido e pouco apreciado naquela época, pois as técnicas reduzidas em números e bastante elementares. A atividade do bordado e da bordadeira é um segmento do artesanato. O artesanato é caracterizado pela transformação da matéria-prima em objetos belos, úteis realizada por mulheres artesãs, e este reproduz objetos que chegaram até ele através da tradição familiar ou criar novos de acordo com suas necessidades. O artesanato é uma das atividades econômicas presentes na contrapartida, a massificação e a uniformização de produtos globalizados, promovendo a sobrevivência do grupo envolvido na atividade ao mesmo tempo no resgate cultural e a identidade de um povo.

O Padre Manuel Lira Parente nasceu no ano de 1923, em Bom Jesus, no Piauí, um dos Estados menos favorecidos do Nordeste, e que se vai tornando cada vez mais ermo e pobre, à medida que se caminha para o sul, em direção da zona árida da Caatinga. A família “Parentes de El-Rey” - emigrou de Portugal no século XVIII e estabeleceu-se no Nordeste. Seus membros tornaram-se proprietários rurais ou funcionários. Órfão aos sete anos, o pequeno Manuel foi mandado para o Seminário Beneditino de Salvador, na Bahia. Só o deixou para fazer-se sacerdote na prelazia de São Raimundo Nonato, cidadezinha muito pobre, sem calçamento, com 2.000 habitantes, à beira da Caatinga. Embora encontrando-se no agreste - região menos árida no sudeste do Piauí - que apesar da seca produz colheitas relativamente boas, São Raimundo fica completamente isolado. Sua única ligação com Teresina, a capital do Estado, exige uma viagem de dois dias, por péssimas estradas. A saída natural para terras mais férteis e cidades maiores seria por Petrolina ou Juazeiro, em cada uma das margens do rio São Francisco, a cerca de 200 quilômetros de distância. Mas essas cidades acham-se nos Estados de Pernambuco e Bahia, que não se interessam por melhorar as condições do Piauí, por conseguinte continuou a sua trajetória no Rio de Janeiro e São Paulo e, em 1963 chega em Curral Novo povoado de São Raimundo Nonato emancipado em 1988 ao município de Dom Inocêncio (BENTON, 1978).

A implantação e o desenvolvimento do bordado nas escolas de Fundação Ruralista do município de Dom Inocêncio-PI é o objeto da pesquisa com o objetivo de analisar a importância do trabalho das bordadeiras no município e sua contribuição para a consolidação da cultura local e regional, caracterizando-se a atividade das bordadeiras inocentinas, identificando o valor dessa atividade pela comunidade e no mercado e, sugerindo formas de consolidar o valor dessa atividade no município de Dom Inocêncio.

A presente pesquisa torna-se relevante na contribuição para o conhecimento da população local, da comunidade acadêmica e se transformará num legado para o município, procurando a preservação da memória. O êxito do trabalho das bordadeiras se destacou pela habilidade exercida pelas mesmas e com isso o município já ganhou destaque nacional e internacionalmente. O bordado inocentino já esteve presente em várias exposições em alguns estados brasileiros como: São Paulo, Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Brasília e também no exterior, quando estava sob o comando de Padre Lira na Instituição Fundação Ruralista.

O trabalho das bordadeiras é responsável pela permanência da mulher sertaneja no Semiárido inocentino. A profissão de bordadeira é relevante porque gera renda, é responsável, de

certa forma, pelo desenvolvimento local e, pela permanência das famílias no município de Dom Inocêncio.

A metodologia desenvolvida na pesquisa, foi de carácter bibliográfica e de campo com levantamentos bibliográficos entrevistas com bordadeiras de diferentes faixas etárias e grau de instrução.

## **1 Artesanato: conceito e histórico**

A Fundação Ruralista foi criada para fixar a população na sua terra, evitando as penosas migrações para o Sul. O bordado, fonte de renda muitas famílias, foi um dos estímulos na luta dessa população pela sobrevivência no Sertão. Em 1965, Pe. Lira inaugurou a primeira escola na região, em Curral Novo com 40 crianças e conseguiu ao longo da trajetória manter aproximadamente 37 escolas espalhadas pelos 8.000 km<sup>2</sup> atendidas pela Fundação Ruralista. Em sua trajetória escolar chegou a matricular 2.100 alunos, metade dos quais meninas que aprendiam a ler e escrever em um turno e no contra turno aprendiam a bordar e recebiam três refeições por dia. Como a filosofia da entidade era aproveitar as melhores alunas e torná-las professoras de bordado e de leitura, destacamos a aluna Eudemir que teve a sua oportunidade. Cerca de três anos viveu com mais quatro professoras nessa escola da comunidade Ladeira, que dista três sacolejantes horas de viagem da sede da Fundação Ruralista. A estrada, esburacada, corta uma região em que a terra avermelhada se mistura com areia branca e as únicas árvores que ainda apresentavam algumas folhas verdes eram os juazeiros, que convivem harmoniosamente com os mandacarus: A caça - seriema, tatu - rondavam por perto: e em tempo de estiagem o alimento praticamente não existia. O ponto final da estrada, a escola; que surgia solitária no meio da caatinga. A construção era de alvenaria, cercada por altos muros e um pomposo portão de ferro batido, enquanto algumas eram de madeira cobertas de capim. A água chegava até lá de carro-pipa, abastecido a duzentos quilômetros de distância. Durante os meses de aula, algumas famílias se mudavam para os barracos que rodeavam os muros da escola. O pai ficava no sítio trabalhando, nos anos em que havia chuva, ou nas frentes de trabalho, quando era tempo de seca. A mãe acompanhava os filhos em idade escolar, pois as distâncias eram grandes para serem vencidas a pé diariamente. As meninas ocupavam um lugar de destaque na estrutura da família. As aulas de bordado, frequentadas no período do dia livre das obrigações escolares, criavam uma importante e muitas vezes única fonte de renda para as famílias. Todos os bordados eram religiosamente pagos pela Fundação Ruralista com o resultado das vendas feitas no Sul do país. Conceição Leal, uma das primeiras colaboradoras da Fundação Ruralista, foi

quem ensinou, há quase vinte anos, os primeiros pontos e a técnica do acabamento pelo avesso a um grupo de meninas: “A dificuldade inicial era grande, pois não havia o hábito do bordado na região de São Raimundo Nonato. Hoje leva-se menos tempo para formar uma professora, pois a técnica do bordado já se difundiu pela região e as meninas possuem maior habilidade”. Depois: de prontos, os bordados eram levados para a sede da Fundação Ruralista onde eram lavados e cuidadosamente passados com velhos ferros a carvão, recebendo então etiquetas que identificavam sua procedência: a escola e as autoras. Eles estavam prontos para seguir para o Sul, deixando para trás uma região pobre, seca, empoeirada, sem luz elétrica e água potável. Aquelas pequenas mãos que cuidadosamente realizavam um trabalho tão refinado e sensível, continuaram à produzir mais e mais, enquanto o tempo se escoava lentamente. O trabalho silencioso e contínuo só era interrompido pelo toque do sino que anunciava a tão aguardada merenda ou, então, como dizia o Vô Padre: “Quando a menina começa à errar os pontos, ela está de namoro com algum rapaz. Logo será o seu tempo de partir e constituir família” (SZAJAMN, 1984).

Apesar de ser o artesanato uma forma de atividade de manufatura em que o instrumento principal de trabalho são as próprias mãos, este sofreu com o advento da revolução industrial certa decadência. No entanto, pela sua peculiaridade, foi capaz de sobreviver a esta pressão da era moderna e hoje já é considerado um dos segmentos mais importantes dentro da economia tida como indivisível não só pelo grande contingente de mão-de-obra, que se dedica aos diversos ofícios do segmento, mas, sobretudo pela difusão da cultura, da valorização do trabalho original criativo advindo dos artesãos (SEBRAE, 2004).

A tradição da atividade artesanal funcionava como suporte para reforçar o orçamento doméstico. Na configuração da sociedade brasileira, cabia a mulher a execução das tarefas dentro do lar. O único trabalho remunerado que lhe restava deveria ser executado dentro das dependências onde vivia. Enquanto nas regiões mais pobres o artesanato era a única fonte de renda possível, no sul e sudeste ocorria o fenômeno da feminização do trabalho. Por exemplo, em São Paulo por onde começou o desenvolvimento industrial do país, o surgimento das fábricas de confecção atraiu a mão-de-obra das artesãs. Elas executavam as tarefas no que se conceitua classificar de trabalho a domicílio. As costureiras rendeiras e bordadeiras passaram a trabalhar para a indústria seguindo novos conceitos com prazo para entrega das peças e recebendo o material da indústria. A mão-de-obra barata impulsionou o setor numa época após a primeira grande Guerra Mundial onde os direitos trabalhistas não eram respeitados (SEBRAE, 2004).

A partir dos anos 70, a mulher vem cada vez mais conquistando seu espaço na sociedade (na política, no mercado de trabalho e programas assistenciais). Nesse período, o artesanato não morreu, ele continuou mesmo sem tanto destaque. Mas no final do século XX até os dias atuais, essa atividade vem se destacando cada vez mais em todo o Brasil. O artesanato está inserido dentro do modo de viver de cada povo, em cada região. Com suas peculiaridades, o artesanato identifica um povo (SEBRAE, 2004).

A Fundação Ruralista é uma instituição sem fins lucrativos. Iniciou suas atividades na região do semiárido nos anos sessenta, desenvolvendo projetos com a comunidade local, implementando escolas, construindo estradas, reservatórios para captação de águas de chuvas, promovendo atividades produtivas, com o objetivo de ensinar a população conviver melhor com a seca (BENTON, 1978).

O artesanato piauiense é representado de tantas formas que em algumas pessoas causa surpresa por verem que artesãs que não sabem ao menos assinar seu nome têm trabalhos exportados para a Alemanha. E é isto o que o faz o artesanato, levar a cultura de um povo lá para fora, muitas vezes no anonimato (SEBRAE, 2004).

No Piauí, o artesanato exerce um importante papel na complementação da renda de populações carentes. Além disso, o artesanato mantém uma forte presença na cultura piauiense, onde a criação popular é gerada de forma espontânea e passada tradicionalmente através dos tempos de mão em mão, de família a família, de geração a geração, sem, contudo, perder suas características fundamentais (SEBRAE, 2004).

É notório que o trabalho das bordadeiras de Dom Inocêncio é um segmento do artesanato. É possível relacionar o artesanato não somente como passatempo, como também uma atividade capaz de auxiliar na sobrevivência de famílias que dele sobrevivem. É sobremaneira o fruto da ação do homem, que o leva a transformar a natureza, às vezes amorfa, em peças raras de beleza inigualáveis e de difícil definição, haja vista que não só une o útil ao belo, mas principalmente, realiza trabalhos que lhes são necessários no tocante aos aspectos utilitários, além de vir ao encontro de sua satisfação interior de criar e inovar e com isto pode servir com um grande reforço no orçamento da renda familiar do artesão, através da comercialização dos objetos por ele elaborados (SEBRAE, 2004).

Faz-se necessário, portanto, dar novamente um sentido de grandeza ao artesanato piauiense, mostrando que o Piauí possui um enorme potencial nesta área, onde os artesãos fazem parte de um

grande contingente de laboriosos trabalhadores manuais que precisa ser mantido e divulgado. Afinal de contas, o artesanato piauiense é a alma de seu povo.

### **1.1 Situação geográfica do município e da zona urbana**

O município de Dom Inocêncio foi desmembrado do município de São Raimundo Nonato-PI com emancipação política em 07 de junho de 1988, quando a Assembleia Legislativa do Piauí aprovou o projeto de Lei nº 4.206 criado por Pe. Lira, o mesmo registrava o nome de Dom Inocêncio, deixando de existir o Distrito de Curral Novo. É cercado pela vegetação Caatinga por todos os lados. Seu clima é tropical semiárido. O nome do município foi dado em homenagem a Dom Inocêncio Lopez Santa Maria, nascido na Espanha, e ex-bispo da Prelazia de Bom Jesus do Gurguéia. Sua área é de 3.383,1 km<sup>2</sup>. Está localizado no Sudoeste piauiense sob as coordenadas geográficas de 9º graus de latitude sul, com 42º graus de longitude oeste, limitando-se ao norte com os municípios de São João do Piauí, Capitão Gervásio de Oliveira e Lagoa do Barro do Piauí, ao Sul com Remanso e Casa Nova Bahia e a Oeste Coronel José Dias e João Costa. Fazendo parte do polo São Raimundo Nonato Piauí. A pluviosidade média é de 451 milímetros por ano. Localizado na região do semiárido onde as chuvas são irregulares. A economia do município baseia-se principalmente na pecuária, destacando-se a ovino, caprinocultura. Outros setores com menor participação são a agricultura com culturas como feijão, milho, mandioca e a apicultura que teve um grande interesse dos produtos locais. Outra atividade de destaque é o artesanato de bordados, tanto pela qualidade das peças produzidas como pelo fato de ser uma fonte geradora de trabalho e renda para a mão-de-obra feminina (SEBRAE, 1992).

### **1.2 O surgimento do bordado no município de Dom Inocêncio e o seu idealizador**

O município de Dom Inocêncio só foi emancipado em 1988 do município de São Raimundo Nonato, antigo povoado Curral Novo. No ano de 1958, chega aqui por essas terras Manuel Lira Parente.

[...] Um dia chega a esse fim de mundo um forasteiro, e descobre essas pessoas teimosas que parecem fantasmas perdidos, figuras de saga. O forasteiro se espanta. Era impossível imaginar que pessoas assim tão pobres e tão machucadas tivessem tamanha teimosia e coragem no sangue e no coração. Essa gente fazia parte do cenário seco e abafado. O forasteiro chegou, e teve vontade de sair correndo. Mas o forasteiro não podia correr. Havia escolhido uma vocação mal-entendida. Ele era um desses caras de batina amarela e fogo nos olhos. O forasteiro era um porreta que se identificava perfeitamente com aquela luta desigual e louca. Podia ter corrido, pois tinha boas pernas. Mas parou, pensou e disse: essa gente é gente (SZAJAMN, 1984, não paginado).

Portanto, o forasteiro traçou um plano incrível: transformar o lugar que ficava um passo além do inferno em uma terra de gente, onde gente pudesse viver. O forasteiro começou a executar seu plano. Entre os que o ouviam, uns viravam o rosto, outros riam. Mas riam de verdade. Outros achavam que nem existia um lugar assim. Mas sempre existem uns caras que resolvem apostar na fé. São poucos. Mas existem. Um deu uma ponta de tecido, outro enfiou a mão no bolso e tirou uma nota, outro abriu sua despensa, outro ofereceu pelo preço de custo, outro deu umas sacas de farinha.

Foi assim que surgiu a Fundação Ruralista. Padre Lira chegou e logo começou a dar vida aos seus planos. A nossa região sempre foi uma região muito seca e a escassez de chuvas determinavam naquela época poucas possibilidades de trabalho e até mesmo de subsistência, tendo como principal consequência o êxodo rural. O maior objetivo de Padre Lira era encontrar mecanismos facilitadores para fixar o homem a terra.

A escola foi o instrumento que Padre Lira utilizou para atingir o homem, motivando-o a participação comunitária. Com a abertura da primeira escola da Fundação Ruralista, em Curral Novo, em 1965, o bordado foi introduzido na região, criando a principal e mais segura fonte de renda das famílias locais. Dessa forma, houve uma sensível modificação na estrutura familiar, ao se promover a mulher como provedora do sustento da casa. O bordado foi uma atividade obrigatória para as meninas e também por muito tempo ele foi o único meio de ganhar dinheiro na região.

Com a criação do município a municipalização das escolas foi automática; tornando-se públicas, com professores habilitadas em concurso público e, portanto, com todos os seus direitos trabalhistas assegurados, a duração do ano letivo passou a ser de nove meses, antes o período e a organização escolar eram adaptados as necessidades da região, ou seja, respeitavam o período chuvoso.

As escolas, ao saírem da gestão da Fundação Ruralista, deixaram de ser participativas, comunitárias e de cunho familiar com merendeiras, faxineiras, fornecedores de lenha para a merenda, provimento de água assegurados pela comunidade e professores residindo na escola.

## **2 O trabalho das bordadeiras de Dom Inocêncio**

As bordadeiras inocentinas aprenderam a bordar nas escolas de Fundação Ruralista, cujo presidente era Padre Manuel Lira Parente. Quando elas entraram na escola de bordado logo aprenderam o ofício e antes de finalizar o ano já recebiam dinheiro pela sua produção. Algumas dessas bordadeiras já participavam de exposições de bordados em outros estados, onde fizeram demonstrações de sua arte.

A bordadeira Eva de Souza Rodrigues Dias de 46 anos aprendeu a bordar com 8 anos de idade nas escolas da Fundação Ruralista (na escola Sede) e continua bordando até hoje. Afirmar a mesma: - Bordo porque adoro e preciso para ajudar nas despesas de casa. Segundo a bordadeira Eva todas as meninas começavam aprendendo fazer a bainha de pequenos panos e em sequência o ponto cruz. Ao desenvolver o bordado começavam com pequenos trabalhos e para a felicidade de todas recebiam remuneração pelo trabalho desenvolvido ajudando nas despesas de casa. Na entrevista com Eva de Souza Rodrigues Dias, ela diz que o bordado além de terapia é uma fonte de renda para sua subsistência de sua família. Eva afirma: tenho pessoas em Goiânia que compram os meus trabalhos. A matéria prima utilizada (pano e linha) vem de São Raimundo Nonato, a 100 km de Dom Inocêncio. O bordado pronto tem acabamento perfeito com excelência e apreço no mercado.

A bordadeira Rosilda de Oliveira Sousa de 40 anos aprendeu a bordar com 7 anos de idade nas escolas da Fundação Ruralista (na escola Sede). Foi professora de bordado e monitora de um grupo de bordadeiras junto a Dona Conceição Leal num período de 10 anos na sede de Fundação Ruralista e continua bordando até hoje. Afirmar a mesma: Bordo porque gosto e preciso para ajudar nas despesas de casa.

Segundo a bordadeira Rosilda todas as meninas começavam aprendendo fazer arremates nas bainhas de pequenos panos e em sequência o ponto cruz. Ao desenvolver o bordado começavam com pequenos trabalhos e para a felicidade de todas recebiam remuneração pelo trabalho desenvolvido ajudando nas despesas de casa. Na entrevista com Rosilda de Oliveira Sousa, ela diz que o bordado mudou muito a sua vida. Com o dinheiro dos bordados comprou aparelhos domésticos, além de ajudar na sobrevivência de sua família. Rosilda afirma: Participei com Dona Conceição Leal de exposições em São Paulo junto ao SEBRAE, ministrei curso de bordado em Bom Jesus do Gurgueia. Sou muito grata a Dona Conceição Leal e ao Padre Lira. A matéria prima utilizada (pano e linha) vem de São Raimundo Nonato, a 100 km. O bordado pronto tem acabamento perfeito com excelência e apreço no mercado.

O artesanato de bordado é uma atividade de destaque, tanto pela qualidade das peças produzidas como pelo fato de constituir-se uma atividade geradora de trabalho para a mão-de-obra feminina. Também não se pode esquecer que o bordado, fonte de renda para muitas famílias, é um dos estímulos na luta dessas famílias pela sobrevivência no sertão.

O ofício das bordadeiras sempre esteve presente no artesanato do Nordeste, utilizando técnicas trazidas pelos portugueses, na época da Colônia. Mas na região de Dom Inocêncio em



pleno sertão do Piauí, a atividade de bordadeira surgiu há mais de 50 anos, com a chegada de Pe. Lira da Fundação Ruralista quando em 1965 implantou a primeira escola de bordado ponto cruz.

A atividade de bordadeira faz parte da cultura de Dom Inocêncio tanto na zona urbana como na rural. Isto se deve a muitas escolas que foram implantadas por Padre Lira através da Fundação Ruralista.

O Sebrae do Piauí tomou conhecimento no ano de 2000, de que em Dom Inocêncio, o município mais isolado e mais sem chuva do Piauí, sem citar sua colocação de segundo em extensão geográfica, existiam muitas centenas de mulheres pobres portadoras de habilidades profissionais cujo aproveitamento lhes garantiria substancial apoio para manutenção de sua família.

O PROJETO BORDADOS DA CAATINGA foi implantado para enfrentar os problemas da comunidade, visava apoiar a geração de renda das mulheres artesãs por meio da consolidação dos processos de capacitação, produção e comercialização dos bordados típicos da região da Caatinga. Para isso estavam previstos o aprimoramento da organização produtiva por meio da assistência técnica aos núcleos de produção: a consolidação da infraestrutura produtiva; a viabilização para comercialização dos produtos artesanais no mercado nacional e internacional e a capacitação das bordadeiras nos processos técnico, de gestão e comercialização além do cooperativismo.

O projeto pretendia mostrar que é possível enfrentar a seca e com ela conviver dignamente, despertando nas mulheres o desejo de contribuir com a geração de riqueza, promoverem o bem-estar e harmonia de suas famílias e comunidade, aumentando a renda delas e a qualidade da produção.

Mais tarde, em 2005, a Fundação Ruralista recebeu o maior prêmio em seus 48 anos de existência. Foi selecionada pelo PROGRAMA PETROBRÁS FOME ZERO tendo sido contemplada com recurso destinado a consolidação do processo e comercialização dos bordados produzidos pelo PROJETO BORDADOS DA CAATINGA envolvendo aquisição de mais um veículo para a locomoção de sua coordenadora, pagamento de salários do pessoal responsável pela preparação do material de produção, cursos de aperfeiçoamento das monitoras, combustível e carro pipa (SESC, 2006).

Em 2004, os bordados de Dom Inocêncio estiveram em exposição na PUC – Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, quando foram comercializados mais de R\$ 100.000,00 em peças. A bordadeira Rosilda de Oliveira Sousa de 40 anos, moradora na zona urbana do município destacou que a atividade de bordadeira contribuiu para o desenvolvimento cultural de seu município. Pois através do PROJETO BORDADOS DA CAATINGA participou de

várias exposições levando o nome do seu município a se destacar nacionalmente e internacionalmente. Atualmente a Fundação Ruralista está em processo de reabilitação de sua estrutura com a volta de Dona Conceição Leal a mentora principal do projeto. Muitas são as bordadeiras que bordam e vendem suas peças. Algumas delas mandam peças para São Paulo, Petrolina, Brasília e outros estados, por parentes que servem de intermediários.

Muitas pessoas a que vem visitar seus parentes aqui no município, principalmente nos meses de junho e dezembro procuram muito por peças bordadas para levarem e presentear vizinhos, amigos, patrões. Alguns até relatam que são “intimados” a levarem, pois, o bordado inocentino agrada muita gente por esse Brasil a fora”.

## **2.1 Relatos das entrevistas com bordadeiras**

Um grande percentual das bordadeiras entrevistadas argumentaram com firmeza que aprenderam a bordar ainda pequenas nas escolas da Fundação Ruralista que tinha junto a escola de letras as aulas de bordado de ponto cruz no contra turno e todas as meninas participavam. Esta obrigação hoje causa prazer em muitas bordadeiras que tem o bordado como terapia, um meio de sobrevivência, até fácil como diz algumas delas.

Algumas delas relatam que quando aprenderam a bordar, logo já faziam trabalhos para vender. Com o dinheiro ajudava seus pais em casa. A maioria das bordadeiras começaram a bordar nas escolas da Fundação Ruralista. A coordenadora da Fundação Ruralista vendia seus trabalhos para outros estados e até no exterior. Hoje a maioria delas borda por conta própria e vende seus trabalhos para a comunidade, na capital do Estado e vários estados brasileiros. Não podemos negar que o bordado inocentino, através da Fundação Ruralista por muito tempo foi um meio de fixar a mulher sertaneja no semiárido piauiense.

## **2.2 Sugestões para consolidar o valor do ofício de bordadeira em Dom Inocêncio**

O bordado inocentino merece ser valorizado e divulgado, por se tratar de uma arte rica em beleza e qualidade e com avesso perfeito que encanta qualquer pessoa.

Depois que as escolas da Fundação Ruralista foram repassadas ao município emancipado em 1988, não existe mais no município de Dom Inocêncio escolas que possa ensinar a arte de bordar. Por ser uma atividade que durante muito tempo gerou renda e de certa forma ainda gera, e por ter levado o nome do nosso município a nível nacional e internacional, é necessário que se implante

aulas de artesanato de bordado nas escolas municipais, para que se preserve esta cultura tão rica. Portanto, sugere criar uma associação de bordadeiras para divulgar o trabalho das tecelões, organizar feiras nas cidades circunvizinhas e em outros estados, enfim, valorizar o trabalho das bordadeiras inocentinas, tendo como exemplo: O PROJETO BORDADOS DA CAATINGA.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O artesanato vem se destacando como um segmento que desempenha um papel muito relevante, não só como gerador de emprego e renda, mas como elemento fornecedor na sedimentação do homem no meio em que convive na preservação da cultura, ou mesmo na divulgação do que é mais natural ao homem: suas raízes.

O artesanato de bordado Ponto Cruz de Dom Inocêncio está implantado na cultura do nosso município. Não dá para imaginar nossa cultura sem lembrar ou falar dele. Suas peças delicadas com tanta beleza encantam quem visita nossa cidade ou quem tem a oportunidade de vê-los por aí. Quem possui uma peça do bordado inocentino tem consigo um pedaço muito valioso da nossa cultura.

Através da pesquisa de campo podemos concluir que continuar bordando além de fazer parte da cultura inocentina é também um meio em que as bordadeiras de Dom Inocêncio encontraram para conseguir uma renda extra no fim do mês.

Pesquisar sobre este tema foi de grande relevância para mim, pois conheci de perto a história do bordado e da nossa educação que teve como instrumento a Fundação Ruralista, uma entidade filantrópica sem fins financeiros.

Padre Lira foi um homem forte, de fibra com objetivos firmes e de grandes realizações, mas a idade avançada e uma saúde frágil o impossibilitou de continuar na sede de Fundação Ruralista, vivendo os últimos dias de vida na capital do Piauí, pois, ficava mais próximo dos centros médicos. Lá permanecendo até 13 de setembro de 2015, dia em que recebeu o chamado de Deus, deixando esse grande legado ao povo de Dom Inocêncio, o qual dedicou toda a sua vida.

## **REFERÊNCIAS**

BENTON, Peggie, **Um Homem Contra a Seca**, Rio de Janeiro, 1978.

SEBRAE, **Programa Sebrae de Artesanato**. Minas Gerais:/UE, 2004.

SEBRAE. **Diagnóstico Socioeconômico do Segmento Artesanal - Região Norte do Piauí-Teresina**, 1992.

SESC Vila Nova - **Caderno de Divulgação**. Memorial de Curitiba. São Paulo: SESC, 2006.

SZJMAM, Abran. **Bordados da Caatinga do Piauí**. São Paulo: SESC Vila Nova, 1984.